



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

FRANCISCO LUIS XAVIER VALENTE

BROWN - A BELEZA NA PASSARELA
RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO DO PRODUTO

FORTALEZA - CE
2018

FRANCISCO LUIS XAVIER VALENTE
BROWN - A BELEZA NA PASSARELA
RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO DO PRODUTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho

FRANCISCO LUIS XAVIER VALENTE
BROWN - A BELEZA NA PASSARELA
RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO DO PRODUTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho

Aprovado em: __ / __ / ____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Edgard Patrício de Almeida Filho (orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Dr. Robson da Silva Braga
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Dra. Maria Aparecida de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA 2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, que me concedeu a vida e as possibilidades. À minha mãe, Francisca Xavier da Silva, que ensinou, me amou e transformou minha realidade. À toda minha família, pelo apoio, pelos puxões de orelha e por acreditar que é possível transformar sua realidade através do estudos.

Aos amigos, Mayane, Alana, Lucas, Ionara, Daiana, Cecília, Monstra, Sunshine, Ramonis, Ícaro, Marcos, Félix, Anderson, Israel e a todas e a todos quem em algum momento da minha vida se fizeram presentes. Estamos vivos, e isso é muito, Nós prometemos ninguém soltar ninguém, tá?!

À Universidade Federal do Ceará, ao curso de jornalismo, à Casa Amarela Eusélio Oliveira e à Fanor DeVry. As professoras e professores que guiaram meus caminhos através do ensino. Ao meu orientador Edgard Patrício, a minha banca Robson Braga e Cida de Sousa, obrigado por compartilhar um pouco do seu conhecimento comigo.

Ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, por criar políticas públicas que possibilitaram o meu ingresso ao ensino superior, obrigado por mudar minha vida e da minha família.

À Paulete, primeira pessoa travesti que tive contato na minha infância. Sua presença e memória também fazem parte desse trabalho e a todas as travestis que se dispuseram e me concederam um pouco do seu tempo para que eu conseguisse contar um pouco da história do meu objeto de estudo que, de certa forma, perpassa a sua existência, o meu grande MUITO OBRIGADO. Aos pesquisadores e historiadores que me conduziram e que deram o embasamento necessário para a produção desse documentário.

RESUMO

O presente trabalho intitulado “BROWN - A BELEZA NA PASSARELA” busca compreender a presença e a imagem de Travestis dentro do primeiro cinema de exibição exclusivamente pornográfico de Fortaleza após mais de 20 anos do seu fechamento. Tendo como embasamento teórico os estudos de Alexandre Fleming Câmara Vale e analisando através de recortes dos jornais de Fortaleza e a partir de entrevistas de profundidade, acessar a memória dos agentes que contribuíram para a memória do espaço. Utilizando como metodologia de pesquisa a “Encruzilhadas de caminho”, proposto por Didi-Huberman. Após essa análise, a produção do documentário “Brown - A beleza na Passarela”.

Palavras-chaves: Imagem travesti; encruzilhadas de caminho; Cine Jangada; memória documental; Cinema pornográfico.

ABSTRACT

O presente trabalho intitulado “BROWN - A BELEZA NA PASSARELA” busca compreender a presença e a imagem de Travestis dentro do primeiro cinema de exibição exclusivamente pornográfico de Fortaleza após mais de 20 anos do seu fechamento. Tendo como embasamento teórico os estudos de Alexandre Fleming Câmara Vale e analisando através de recortes dos jornais de Fortaleza e a partir de entrevistas de profundidade, acessar a memória dos agentes que contribuíram para a memória do espaço. Utilizando como metodologia de pesquisa a “Encruzilhadas de caminho”, proposto por Didi-Huberman. Após essa análise, a produção do documentário “Brown - A beleza na Passarela”.

Key-words: Image transvestite; road crossroads; Film Raft; documentary memory; Pornographic cinema.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

3 PROBLEMA DE PESQUISA

4 JUSTIFICATIVA

5 REFERENCIAL TEÓRICO

6 METODOLOGIA

7 SUPORTE ADOTADO

8 ESTRUTURA DO PRODUTO

9 REFLEXÕES GERAIS SOBRE O PROCESSO DE FEITURA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

1 INTRODUÇÃO

O centro da cidade de Fortaleza é como qualquer outro lugar da cidade: cheio de vida, de cores, formatos que pertencem a memória e aos que habitam naquele lugar. Seja com moradias improvisadas, no comércio, nas vendas dos ambulantes ou nos espaços públicos, que, por muito tempo foram pontos de encontro de várias gerações. Os personagens ilustres da cidade, bem como a Praça do Ferreira, o Theatro José de Alencar, o Cine Theatro São Luiz e tantos espaços de lazer espalhados por ali permeia a memória do coração da cidade.

Sempre me inquietou os vários prédios antigos do Centro, a disposição geográfica, a arquitetura e as histórias que aquelas paredes contam. Saber se políticas públicas de preservação, manutenção e a colocação daqueles espaços para funcionamento são efetivadas, saber se de fato realmente funcionam, era e é um dos meus principais objetivos nas pesquisas sobre um tema para estudar.

Percebo que o Centro de Fortaleza possui muitas histórias incríveis que não conhecemos e não damos conta a riqueza histórica dos prédios cobertos pelas mais variadas fachadas de lojas e centros comerciais.

Na procura por temas que me possibilitassem conhecer a memória viva de um dos espaços urbanos cidade mais antigos, entendi que por muito tempo, as salas de exibição de filmes era algo presente no entorno das principais ruas que interligam a Praça do Ferreira. Me inquieta que na maioria dos locais de exibição, que outrora exibiram filmes aclamados pela crítica local, hoje, são cinemas de exibição pornográfica.

Nesse primeiro momento, não consegui compreender como essas mudanças foram feitas, quem são os agentes causadores (se é que existem), quem se beneficia dessas projeções, quais os efeitos desses locais.

Pelos vários espaços destinados à venda de livros usados, os famosos sebos e as viagens que faço, encontro em um sebo de São Paulo, um caixa que dizia “No escurinho do cinema - Cenas de um público implícito”, de Alexandre Vale. Era um documentário e a sua dissertação de mestrado. Comprei por R\$ 10,00 reais. Levei para casa, coloquei o DVD no notebook, assisti. Compreendi o quão rico era aquele objeto e suas problemáticas para a cidade.

Comecei a ler o livro, entre as várias páginas, percebi a riqueza de detalhes do primeiro cinema de exibição pornô na capital. Como foram os vários anos de sala “cult”, as projeções de filmes de Kung-fu, PornôChanchadas e tantos outros gêneros, que culminou na pornografia.

Existem tantas linhas, entrelinhas, fachadas, filmes exibidos, a própria igreja católica em nome da Arquidiocese de Fortaleza que não foi possível descobrir a sua real entrada. Os jornais locais da época da inauguração me dizem que o cinema é um lugar sagrado, familiar, perpetuado pelas razões sociais impostas naquela época. Já os poucos jornais do fechamento do cinema me dizem que a transmutação de sala familiar para pornográfica era um caminho sem volta.

O espaço de sociabilidade homoerótica, transmutado em cinema pornô nos anos 80, me traz a problemática da presença de Travestis no interior da primeira sala de exibição exclusiva pornográfica. Mas qual o papel da Travesti da década de 80? como foi a entrada delas nas salas de exibição? como essa Travesti pode contribuir para a história da cidade?

Quem um dia disse que travesti não pode produzir conhecimento? Quais condutas fogem de uma ordem social? É preciso aprofundar na imagem, no imaginário e nas histórias daquelas que fizeram do cinemão seu ganha pão.

2 OBJETIVOS

Este trabalho tem por base os seguintes objetivos:

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as memórias produzidas sobre o Cine Jangada como cinema pornográfico, observando, especialmente, as imagens travestis produzidas sobre aquele espaço/sociabilidade.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os registros fotográficos pessoais e históricos sobre o Cine Jangada dos jornalistas que produziram na década de 80;
- Compreender o Cine Jangada como espaço de múltiplas sociabilidades;
- Cartografar as imagens travestis ligadas ao Cine Jangada.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

Que tipo de imagem pode dar lugar ao conhecimento?

No imaginário da sala de exibição do Cine Jangada, a travesti ocupa um espaço transitório que permeia os processos de exibição, quando disputa a atenção com a imagem das projeções e quando se relaciona com seus clientes. Buscando entender através das fotografias da época, matérias jornalísticas e os relatos dessas travestis, produzir o documentário “Brown - A beleza na Passarela” que busca na encruzilhada da memória dessas atuentes a formação do documentário imaginário do Cine jangada.

4 JUSTIFICATIVA

Após mais de 20 anos do fechamento do primeiro cinema exclusivamente de exibição de filmes pornográficos, ainda permeia todo um imaginário formado pelas lembranças e da memória daquela sala. Para compreender os espaços de sociabilidade criado através da presença das travestis dentro do Cine Jangada, pretendo usar as informações presentes como jornais da época e periódicos, também nas produções fotográficas e nas memórias das travestis que frequentavam o Cine Jangada.

Na busca de acessar a memória dos agentes, usarei o conceito de encruzilhada de caminhos, proposto por Didi-Huberman, que exemplifica “quando o rastro visual toca o tempo e a memória, cria-se o conceito de ‘Encruzilhadas de caminhos’ e assim, a imagem ‘arde’, no sentido de causar um mau estar na cultura visual, se torna apelativa, é sintomática” (DIDI-HUBERMAN, 2012)

O recorte memorialístico recorre a fotografia como processo de ressignificação e que a imagem estende-se para a territorialidade quanto para a memória. “sabemos que cada memória está sempre ameaçada pelo esquecimento, cada tesouro ameaçado pela pilhagem, cada tumba ameaçada pela profanação”. (DIDI-HUBERMAN, 2012)

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo das décadas, o fascínio pelo espectro óptico das telas, das salas de exibição permeou o imaginário da população. Fez parte do hábito da juventude, dos homens e isso, modelou a geografia da cidade. A procura pelo lazer cinematográfico, presente nas capitais do Brasil e em específico na capital do Ceará, Fortaleza não poderia ser diferente.

Mas o cinema, como lugar fomento de conhecimento e inovação deveria ser, *a priori*, um espaço de sociabilidade, mas desde o sua chegada na capital fortalezense, em 1895, o cinema é um território restrito a quem detém o conhecimento e condições financeiras. Lugar familiar, de pessoas decentes, onde as moças só poderiam entrar acompanhadas de homens, e esses, de terno e gravata, que na época eram obrigatórios.

Talvez, o fascínio pelo escuro-claro e pelo ar criado nas salas de exibição com as fotografias em “Movimento” eram o que mais chamavam a atenção dos espectadores da mídia local e dos grandes conglomerados de exibição cearense.

As peculiaridades dos cinemas que surgiam na capital, propunha uma nova reordenação geográfica e social das salas de cinema. A Empresa Cinematográfica do Ceará S/A (Cinemar), de Amadeu Barros Leal, tinha como objetivo principal, contrapor a hegemonia dos Severiano Ribeiro, o qual dispunha das maiorias e mais luxuosas salas de exibição como o Cine Diogo, Cine Majestic e tantas outras salas criadas.

No dia 23 de Fevereiro de 1950, às 16h, na Rua Floriano Peixoto, 899, era inaugurado o Cine Jangada, o primeiro cinema da Cinemar, contrapondo toda grandiosidade das outras salas da época. O cinema se propunha a ser um espaço familiar, com a exibição de filmes “cults” franceses, italianos, propondo ser o difusor da sétima arte produzida na europa aqui, em terras alencarinas.

o circuito exibidor, as salas de projeções, poltronas e a tela fazem parte da ambientação cinematográfica. Na disputa pelo espaço exibidor crescente na cidade, o número de salas ficando cada vez mais populares e a inauguração do Cine São Luiz fez a arrecadação do Jangada despencar, tendo que apelar para os filmes de Chanchadas, de Faroeste e logo depois, em meados

da década de 80 vir a se tornar um dos primeiros cinemas de exibição pornô da capital e aceitar a entrada de travestis para a prática de prostituição. Tendo seu fechamento definitivo em 1996, deixando órfãos frequentadores, travestis e história da cidade.

No começo da década de 80, o declínio das salas de exibição e nas arrecadações de bilheterias foram alguns dos motivos que culminaram no processo de abertura para a indústria pornográfica nas salas de exibição de Fortaleza. Ary Bezerra Leite afirma isso na produção do livro “A tela prateada”, de 2011. “Estava fadado, assim, ao ingressar nessa rota sem retorno, a terminar seus dias em decadência. Mesmo cativo do novo público, era capaz de transmutar-se na Semana Santa, todos os anos”.

Por um lado, o cinema que se dizia familiar, que exibia “A paixão de Cristo” serve agora como abrigo, casa, escola para travestis. Para Vale (2012), essa especialização em cinema pornô foi um processo não somente produzido pelos espaços exibidores mas pela conjuntura social da cidade.

A especialização do Jangada no gênero cinematográfico pornografia não aconteceu gratuitamente e tampouco pode ser analisada sem a consideração ao processo de reordenação da “geografia social” das salas de exibição de Fortaleza, um processo que envolve tanto “desmoronamento” do centro da cidade enquanto locus dessa modalidade de diversão quanto o encaminhamento das salas para os shoppings centers. Depois que as salas de exibição encontraram os bairros de classe média e alta da cidade e a pornografia foi oficialmente liberada pela censura, a configuração das salas do centro da cidade já era outra, bem diferente daquela encontrada por Ribeiro no início da década de 70, quando comprou os cinemas da Cinematografia Cearense (Cinemar). (VALE, 2012, p. 112)

Os jogos de sentidos, os olhares, as formas de entrar no cinema, por muito tempo, de público exclusivamente de homens, não caracterizavam um público homogêneo. A própria arquitetura do prédio não proporcionaram diálogos entre os transeuntes do cinema, tendo em vista que o lazer era o objeto de procura de quem visitavam suas dependências.

No Jangada, os sentidos, se exacerbavam em função daqueles filmes oferecidos aos espectadores como uma guloseimas, bem como em função daquela vivência de proximidade, efemeridade e pertença. Os olhares se dividiam entre a tela e a

paquera, encaminhados signos táteis, gestos, rituais de aproximação, estratégias de aproximação. (VALE, 2012, p. 128)

A entrada e permanência de travestis nas dependências do cinema abriram portas para as relações homoeróticas e a busca pela “mulher perfeita” vislumbrada no imaginário dos homens que compartilhavam os mesmos espaços de sociabilidade. Os espaços, brechas, pontos de luzes faziam que a exibição fosse dupla, tanto das projeções quanto para a busca de clientes.

No claro-escuro do Jangada, a socialidade interditadas nos corpos se vivenciava na possibilidade de pôr em prática “Técnicas corporais” tidas como indesejáveis do ponto de vista moral. O claro da tela, institucionalmente assegurado pela rede de produção de bens e serviços do mercado sexual, iluminava a difusa, espetacular e subterrânea comunhão das imagens da platéia. Tudo se passava como se dois espetáculos acontecessem simultaneamente: cenas de um público implícito fervilhavam diante da expleitude das cenas na tela. (VALE, p.145)

Após a venda para o Grupo de Luiz Severiano Ribeiro, devido ao grande número de salas pela cidade e a hegemonia no circuito exibidor de Fortaleza, a compra do Cine Jangada pela a Empresa Ribeiro é iniciado o processo de extinção do Sonho da Cinemar em ser a maior empresa de exibição cinematográfica.

Ao “permitir” a estrada de travestis nas dependências da sala de exibição, o cinema abria as portas para que elas pudessem libertar seus desejos, garantir abrigo e sustento. Mas na metade da década de 90, satisfazer um público e manter a sala aberta era a mais difícil tarefa. Leite (1995), afirma que não houve pompa nem alarde com o fechamento do cinema.

Ao contrário da festa que foi a abertura do Cine Jangada, com o filme laureado e aplaudido pela crítica, “*Monsieur Vicente*” - uma narrativa vigorosa da vida de Vicente de Paula, a Empresa Ribeiro escalou como ultimo cartaza, de 19 de julho a 22 de julho, “Todos os sabores do sexo anal, oral e frontal”, um desqualificado exemplar dos novos tempos da cinematografia. (LEITE, 2011)

Os jornais da época lamentaram não o fechamento das portas do cinemão que o Jangada se tornara, mas sim, o fechamento da primeira sala da Cinemar. Após anos, o local onde se encontrava a sala que um dia exibiu grandes filmes europeus e pornográficos, hoje se

encontra uma loja de móveis, permeando o imaginário dos trabalhadores, transeuntes da Rua Floriano Peixoto.

Ao longo das décadas, o fascínio pelo espectro óptico das telas, das salas de exibição permeou o imaginário da população. Fez parte do hábito da juventude, dos homens e isso, modelou a geografia da cidade. A procura pelo lazer cinematográfico, presente nas capitais do Brasil e em específico na capital do Ceará, Fortaleza não poderia ser diferente.

Mas o cinema, como lugar fomento de conhecimento e inovação deveria ser, a priori, um espaço de sociabilidade, mas desde o sua chegada na capital fortalezense, em 1895, o cinema é um território restrito a quem detém o conhecimento e condições financeiras. Lugar familiar, de pessoas decentes, onde as moças só poderiam entrar acompanhadas de homens, e esses, de terno e gravata, que na época eram obrigatórios.

Talvez, o fascínio pelo escuro-claro e pelo ar criado nas salas de exibição com as fotografias em “Movimento” eram o que mais chamavam a atenção dos espectadores da mídia local e dos grandes conglomerados de exibição cearense.

As peculiaridades dos cinemas que surgiam na capital, propunha uma nova reordenação geográfica e social das salas de cinema. A Empresa Cinematográfica do Ceará S/A (Cinemar), de Amadeu Barros Leal, tinha como objetivo principal, contrapor a hegemonia dos Severiano Ribeiro, o qual dispunha das maiorias e mais luxuosas salas de exibição como o Cine Diogo, Cine Majestic e tantas outras salas criadas.

No dia 23 de Fevereiro de 1950, às 16h, na Rua Floriano Peixoto, 899, era inaugurado o Cine Jangada, o primeiro cinema da Cinemar, contrapondo toda grandiosidade das outras salas da época. O cinema se propunha a ser um espaço familiar, com a exibição de filmes “cults” franceses, italianos, propondo ser o difusor da sétima arte produzida na europa aqui, em terras alencarinas.

O circuito exibidor, as salas de projeções, poltronas e a tela fazem parte da ambientação cinematográfica. Na disputa pelo espaço exibidor crescente na cidade, o número de salas ficando cada vez mais populares e a inauguração do Cine São Luiz fez a arrecadação do Jangada despencar, tendo que apelar para os filmes de Chanchadas, de Faroeste e logo depois, em meados da década de 80 vir a se tornar um dos primeiros cinemas de exibição pornô da capital e aceitar

a entrada de travestis para a prática de prostituição. Tendo seu fechamento definitivo em 1996, deixando órfãos frequentadores, travestis e história da cidade.

No começo da década de 80, o declínio das salas de exibição e nas arrecadações de bilheterias foram alguns dos motivos que culminaram no processo de abertura para a indústria pornográfica nas salas de exibição de Fortaleza. Ary Bezerra Leite afirma isso na produção do livro “A tela prateada”, de 2011. “Estava fadado, assim, ao ingressar nessa rota sem retorno, a terminar seus dias em decadência. Mesmo cativo do novo público, era capaz de transmutar-se na Semana Santa, todos os anos”.

Por um lado, o cinema que se dizia familiar, que exibia “A paixão de Cristo” serve agora como abrigo, casa, escola para travestis. Para Vale (2012), essa especialização em cinema pornô foi um processo não somente produzido pelos espaços exibidores mas pela conjuntura social da cidade.

A especialização do Jangada no gênero cinematográfico pornografia não aconteceu gratuitamente e tampouco pode ser analisada sem a consideração ao processo de reordenação da “geografia social” das salas de exibição de Fortaleza, um processo que envolve tanto “desmoronamento” do centro da cidade enquanto locus dessa modalidade de diversão quanto o encaminhamento das salas para os shoppings centers. Depois que as salas de exibição encontraram os bairros de classe média e alta da cidade e a pornografia foi oficialmente liberada pela censura, a configuração das salas do centro da cidade já era outra, bem diferente daquela encontrada por Ribeiro no início da década de 70, quando comprou os cinemas da Cinematografia Cearense (Cinemar). (VALE, 2012, p. 112)

Os jogos de sentidos, os olhares, as formas de entrar no cinema, por muito tempo, de público exclusivamente de homens, não caracterizavam um público homogêneo. A própria arquitetura do prédio não proporcionaram diálogos entre os transeuntes do cinema, tendo em vista que o lazer era o objeto de procura de quem visitavam suas dependências.

No Jangada, os sentidos, se exacerbavam em função daqueles filmes oferecidos aos espectadores como uma guloseimas, bem como em função daquela vivência de proximidade, efemeridade e pertença. Os olhares se dividiam entre a tela e a paquera, encaminhados signos táteis, gestos, rituais de aproximação, estratégias de aproximação. (VALE, 2012, p. 128)

A entrada e permanência de travestis nas dependências do cinema abriram portas para as relações homoeróticas e a busca pela “mulher perfeita” vislumbrada no imaginário dos homens que compartilhavam os mesmos espaços de sociabilidade. Os espaços, brechas, pontos de luzes faziam que a exibição fosse dupla, tanto das projeções quanto para a busca de clientes.

No claro-escuro do Jangada, a socialidade interditadas nos corpos se vivenciava na possibilidade de pôr em prática “Técnicas corporais” tidas como indesejáveis do ponto de vista moral. O claro da tela, institucionalmente assegurado pela rede de produção de bens e serviços do mercado sexual, iluminava a difusa, espetacular e subterrânea comunhão das imagens da platéia. Tudo se passava como se dois espetáculos acontecessem simultaneamente: cenas de um público implícito fervilhavam diante da expleitude das cenas na tela. (VALE, p.145)

Após a venda para o Grupo de Luiz Severiano Ribeiro, devido ao grande número de salas pela cidade e a hegemonia no circuito exibidor de Fortaleza, a compra do Cine Jangada pela Empresa Ribeiro é iniciado o processo de extinção do Sonho da Cinemar em ser a maior empresa de exibição cinematográfica.

Ao “permitir” a estrada de travestis nas dependências da sala de exibição, o cinema abria as portas para que elas pudessem libertar seus desejos, garantir abrigo e sustento. Mas na metade da década de 90, satisfazer um público e manter a sala aberta era a mais difícil tarefa. Leite (1995), afirma que não houve pompa nem alarde com o fechamento do cinema.

Ao contrário da festa que foi a abertura do Cine Jangada, com o filme laureado e aplaudido pela crítica, “*Monsieur Vicente*” - uma narrativa vigorosa da vida de Vicente de Paula, a Empresa Ribeiro escalou como último cartaz, de 19 de julho a 22 de julho, “Todos os sabores do sexo anal, oral e frontal”, um desqualificado exemplar dos novos tempos da cinematografia. (LEITE, 2011)

Os jornais da época lamentaram não o fechamento das portas do cinemão que o Jangada se tornara, mas sim, o fechamento da primeira sala da Cinemar. Após anos, o local onde se encontrava a sala que um dia exibiu grandes filmes europeus e pornográficos, hoje se encontra uma loja de móveis, permeando o imaginário dos trabalhadores, transeuntes da Rua Floriano Peixoto.

6 METODOLOGIA

Primeiramente, será realizado uma pesquisa na bibliografia existente sobre o Cine Jangada e como relacionar a memória e os meios de produção jornalística da época . Após a leitura da bibliografia especializada, será realizada a pesquisa de agentes que contribuam imageticamente para a pesquisa, no contexto histórico, a análise de jornais da época.

Após esse momento, será elencado dois grupos de pessoas para pesquisa com o modelo de abordagem: Jornalistas, produtores, editores, fotógrafos, historiadores para recriar a memória do Cine Jangada. Com a realização através de entrevistas de profundidade. Após essa análise com os produtores de conteúdo jornalístico da época, será traçado perfis com frequentadores do cinema e com algumas travestis para compreender o perfil de quem frequentava o Cine Jangada.

Na produção e na captação das imagens e na montagem do documentário na busca de traçar o imaginário das travestis que ocupavam o Jangada.

A produção do documentário tem como princípio básico conhecer as agentes de transformação da imagem do Cine Jangada, a partir das suas percepções do espaço, de como eram tratadas e o que levou o Jangada a se tornar um cinema pornô.

7 SUPORTE ADOTADO

O processo de pensar narrativamente os fatos os quais levaram o Cine Jangada a se tornar local de exibição de filmes pornográficos me leva a pergunta: De que modo eu posso reconstruir um espaço que não existe mais (não com a mesma finalidade) e quais métodos eu posso utilizar para aproximar daquele espaço? Uma das formas de conseguir acesso a esse tipo de história, de se criar uma narrativa, é através da documentação produzida por jornais e pela oralidade dos frequentadores

No processo de conceber os fatos históricos do primeiro cinema de exibição exclusiva pornográfica de Fortaleza, compreendo como os jornais impressos teriam uma grande utilidade, além de ser um documento comprobatório, auxilia na forma de como contar os fatos e como a mídia observava esse fenômeno.

No que diz respeito das abordagens utilizadas para obtenção de acesso ao que chamamos de “encruzilhadas de caminho”, o jornal impresso se tornou o gatilho para a abertura do acesso à memória e fatos individualizados por cada entrevistado. As percepções e projeções do mundo, da realidade no âmbito do objeto estudado carregam um grau de subjetividade e intimidade entre as pessoas escolhidas.

Afinal, cada entrevistado possui algum tipo de relação com o Cine Jangada, seja na pesquisa acadêmica, nas vivências estabelecidas no fazer jornalístico ou na própria ida ao cinema, nas especificidades de cada indivíduo.

A memória, a imaginação, a interação e as transformações são alguns dos pontos abordados no decorrer do documentário intitulado “Brown”, dirigido por Luis Valente, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social|Jornalismo, na Universidade Federal do Ceará.

O enredo se passa em dois tempos históricos, entre as décadas de 80 e 90, quando o Cine Jangada passou pelo processo de se tornar exclusivamente pornográfico, devido às transformações na cidade e na forma de viver, principalmente, com o surgimento dos primeiros *Shoppings Centers* e a decadência do centro, se tornando um lugar apenas para o comércio. A

mudança do lazer cinematográfico para outras regiões da cidade, tornou o cinema da Rua Floriano Peixoto, um lugar propício para a exibição desse novo nicho.

Se por um lado, penso que para o circuito exibidor continuar a exibição, era preciso um público que buscava esse tipo de filme, por outro lado, as franquias da CINEMAR e de Luiz Severiano Ribeiro precisavam se manter de portas abertas e a pornografia era o carro chefe das bilheterias na época.

O Cine Jangada, que no seu surgimento exibia filmes *cults* e fazia parte da distribuição de filmes europeus, no final da sua trajetória, filmes como “Garganta profunda” eram exibidos todos os dias.

Os hábitos, caminhos e projeções mudaram a Fortaleza atual. fechado desde 1996, o prédio do Cine Jangada, primeiro cinema da Cinemar, criado por Amadeus Barros leal, vendido para Luiz Severiano Ribeiro e fechado em 1996, hoje, ocupado por uma loja de móveis, os funcionários desconhecem que ali, um dia, foi um cinema pornô. Entre os corredores estreitos de móveis, entre camas, armários, um dia, existiram cadeiras vermelhas, a tela e a sala de projeção e todo um imaginário que perpetua e entrelaça a história da cidade, a geografia e os modos de viver do fortalezense.

A leitura que faço do fim do primeiro cinema de exibição pornô de Fortaleza não é trágico ou sujo como o jornal “Tribuna do Ceará” em 1995 afirmou, mas que precisa ser lembrada. Ser casa, escola, local de trabalho, de interação e que teve mais de 50 anos de existência, me leva a acreditar o quanto precisamos preservar a nossa memória. Apagar os rastros imagéticos daquele local de sociabilidade pelos motivos os quais levaram o seu fim é dar as costas para a história e para o passado tão presente.

O Cine Jangada, foi o primeiro cinema da cadeia de salas de exibição da Empresa Cinematográfica do Ceará S.A. (CINEMAR). Entre as anos 1985 a 1996, se tornou um espaço de exibição exclusiva para a pornografia. Dentre esses fatos, está a presença de Travestis com o intuito de prostituição nas dependências do estabelecimento. Busco entender como as relações entre travesti e público funcionavam, qual era a relação delas com aquele espaço e como a cobertura jornalística percebia a nova função exibidora.

A utilização jornais da época para poder auxiliar no acesso a memória e aos fatos, sempre respeitando a individualidade de cada entrevistado. Esses jornais serão exibidos, contrastado com a sua memória dos entrevistados e que resultará no documentário “Brown” (nomes que ainda poderá ser alterado)

Utilizar como ferramenta de reconstrução do imaginário da sala de exibição, das dependências do cinema e as especificidades daquele local, onde hoje funciona uma loja de móveis, na busca por entender como esses locais podem se ressignificar e dar lugar a novas narrativas, tornando possível o acesso ao imaginário,.

As angulações da câmera, em planos médios e closes nos entrevistados, na tentativa de aproximar o telespectador do entrevistado. Usando imagens de apoio, contrastando as fotos de arquivo com a realidade hoje do espaço. Buscando posicionar a câmera nas mesmas angulações em que as fotos foram tiradas e mudanças entre elas, mesclando-as, criando a necessidade de se saber do antes e do agora.

8 ESTRUTURA DO PRODUTO

Foram elencados dois grupos de pessoas para que possamos montar a estrutura básica de entrevistas e montagem do documentário. Partindo da ideia de que todas as pessoas escolhidas possuem alguma relação seja direta ou indireta com o Cine Jangada. O papel social que representa para a narrativa, o poder de informar através das suas vivências foram alguns dos critérios para selecionar os três tipos de pessoas por grupo.

PESQUISADORES E HISTORIADORES

O grupo aqui representado, tem o papel fundamental de contextualizar o processo histórico/geográfico/ social em que a capital viveu nos 47 anos em que o Cine Jangada esteve aberto e em específico, o tempo histórico em que se tornou cinema pornô. Também se faz necessário uma leitura crítica da cidade, dos espaços, do centro, das salas de exibição após esses mais de 20 anos fechado.

- Gilmar de Carvalho, jornalista e professor aposentado da UFC - gildecar@uol.com.br
- Nirez, Historiador e dono de um dos maiores acervos fotográficos do país - (85) 3281-6949 - 999826439
- Ary Bezerra Leite, Historiador e pesquisador do cinema cearense - aryleite@terra.com.br 32674405
- Dediane Souza, jornalista e secretária de políticas públicas para a promoção de direitos para pessoas LBGTs da prefeitura de Fortaleza

PERGUNTAS

- O que o sr(a) lembra do Cine Jangada? Como era sua relação com o cinema?
- Qual a importância do Cine Jangada para história da cidade? o que ele representou para a indústria cinematográfica cearense?
- A produção jornalística da época impactou na opinião pública sobre o os acontecimentos dentro da sala de exibição?

- Quais medidas poderiam ser tomadas pelo poder público para a preservação da memória do Cine Jangada?
- Como a programação do Cine Jangada, voltada para a exibição pornográfica, ‘espelhava’ a sociedade da época?

FREQUENTADORES - TRAVESTIS

Após conversar com os agentes que produziram ou estudaram o cinema, o grupo de frequentadores, aqui, busca principalmente, as Travestis que utilizavam o cinema como local de trabalho, suas vivências que só o interior da sala de exibição poderia proporcionar. esgotar ao máximo as complexidades do local, as variedades de público, como funcionavam o jogo entre os frequentadores.

- Thina Rodrigues, presidente da Associação de Travestis do Ceará (ATRAC)
- Rival Vieira, cabeleireiro e frequentador do Cine Jangada
- Yuska Rodrigues, agente sanitária e frequentadora do Cine Jangada
- Rebeca Gomes, cabeleireira e frequentadora do Cine Jangada
- Kelly Marques, cabeleireira e frequentadora do Cine Jangada

PERGUNTAS

- Como era as dependências do cinema? você possui algum tipo de registro?
- Quais eram os públicos que frequentavam o cinema? existiam muitas diferenças entre as pessoas que frequentavam? Com qual frequência você visitava o cinema?
- Como foi a sua primeira vez no Cine Jangada? Quais percepções você teve?
- Como eram tratadas as pessoas que possuíam HIV/Aids? a doença marginaliza ainda mais as Travestis?
- Como a polícia tratava as Travestis na época?
- Quantas travestis frequentavam o cine jangada?
- Como era sua rotina de quando saía de casa para o cinema?.

10 REFLEXÕES GERAIS SOBRE O PROCESSO DE FEITURA

Estudar sobre o primeiro cinema exclusivo de exibição pornográfica me remete a minha primeira vez em um cinemão. Em um primeiro momento, o medo de encontrar alguém conhecido ou alguém perceber que nunca adentrei aquele universo. É normal pensar que só exista a promiscuidade dentro de uma sala destinada à sentir e satisfazer os desejos da carne. Sentir prazer, dar prazer. Não existe nenhum tabu ou coisa do tipo, acredito que todos estão ali para uma finalidade, mas cada um sabe como alcançá-la.

É inevitável não perceber as grandes diferenças dos cinemas da década de 1980 para os dias atuais. Quando se observa as movimentações dos corpos, as trocas de olhares, entende-se que o jogo da sedução entre os brincantes do corredores apertados não mudou muito para as das travestis que entrevistei no decorrer da produção do documentário.

Foi quase uma garimpagem, telefona para uma, confirma com a outra, corre para a entrevista “Viado, tu vai se atrasar?”. Mas como garimpeiro que vasculha a terra atrás de ouro, estava eu, ali, na busca das personagens que me permitiam contar um pouco da sua história que se interliga com a do Cine Jangada.

Histórias de aceitação, de transformação, de alegrias e tristezas “Você sabe o que é se vestir de mulher e ir para o ambiente que você é aceita”. Talvez eu nunca tenha pensado muito sobre o processo de aceitar-se. As marcas do batom, os cabelos das perucas, a maquiagem extravagante, o peito, a bunda.

O aprendizado sobre respeito, amor próprio foi absorvido por mim. Que em muitas vezes pensei estar sozinho, como naqueles corredores sujos de espermas dos cinemões que frequentei na procura de personagens, mas, sempre na procura de uma história, de um personagem, de um alguém, a quem, além. Todas as histórias precisam ser contadas. Essa é só mais uma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Julio. Documentário e Jornalismo: propostas para uma cartografia plural / Julio Bezerra. - 1. ed. - Rio de Janeiro; Garamond, 2014

DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido / Gilles Deleuze : [Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes] - São Paulo : Perspectiva, 2015. - (Estudos ; 35 / dirigida por J. Guinsburg)

DIDI-HUBERMAN, Georges Quando as imagens tocam o real. PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da escola de Belas Artes da UFMG, vol.2, n.4, nov. 2012, p. 204-219

LEITE, Ary Bezerra. A tela prateada (Cinema em Fortaleza - 1897-1959/Ary Bezerra Leite. - Fortaleza: SECULT/CE, 2011

LINS, Consuelo. Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo / Consuelo Lins , Claudia Mesquita. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LUCENA, Luiz Carlos. Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção / Luiz Carlos Lucena. - 2. ed. - São Paulo: Summus, 2012

MACHADO, Arlindo. Sujeito na Tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço, Arlindo Machado, - São Paulo : Paulus, 2007 - (comunicação)

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. Reservado se invisíveis - O *ehtos* íntimo das parcerias homoeróticas / Antonio Cristian Saraiva Paiva - Fortaleza : Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará: Campinas: Pontes Editores, 2007.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. No escurinho do cinema: cenas de um público implícito / Alexandre Fleming Câmara Vale. - Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

ANEXOS

Roteiro de montagem

Imagem	Áudio/texto
<p>Abertura do Documentário “Brown”</p> <p>(Logo da UFC, Jornalismo e Casa Eusélio de Oliveira)</p> <p>(Fundo Preto com logos em branco)</p>	<p>> Ruídos de ondas do mar em BG</p> <p>(Fortaleza, 1985)</p>
<p>Plano aberto do mar - EXT - Praia de Iracema</p> <p>. Entrada da Brown no Cine Jangada “desmontada” (personagem)</p>	<p>> Ruídos de ondas do mar (preenchendo todo o som)</p> <p>> Gravação do discurso proferido por Amadeus Barros Leal na Inauguração do Cine Jangada em 1950.</p> <p>“ Caso um dia o cinema viesse a se tornar pornô, não tinha retorno. Ary Bezerra Leite”</p>
<p>Plano médio - INT - Casa de Ary Bezerra leite-Historiador</p> <p>Imagens de apoio de Ary pesquisando nos seus livros e no computador</p> <p>Imagens de apoio do cinema</p>	<p>> <u>Gravação - Ary 3</u> (0’49’’ - 2’14’’) (Existia uma disputa pelo mercado exibidor em Fortaleza? O surgimento da Cinemar)</p> <p>Ary Bezerra leite explica como foi o surgimento da Cinemar</p>
<p>Plano Médio - INT - Acervo Nirez - Jornalista e historiador</p>	<p>> <u>Gravação - Nirez 1</u> (05’53’’ - 06’54’’) (Como era a relação entre Amadeu Barros Leal e Luiz Severiano Ribeiro?)</p>
<p>Plano médio - INT - Acervo Nirez</p> <p>Nirez Fala sobre a disputa do monopólio do cinema em Fortaleza</p> <p>Imagens de apoio do acervo Nirez</p>	<p>> <u>Gravação - Nirez 1</u> (07’25 - 08’20’’) (Fala da inauguração)</p>

<p>Plano médio - INT - Museu do Ceará - Gilmar de Carvalho, jornalista</p> <p>Gilmar de Carvalho fala sobre o cine jangada não ser um local de cult</p> <p>Imagens de apoio</p>	<p>> <u>Gravação - Gilmar 1</u> (9'45'' - 10'31'' ; 11'33'' - 12'03'')</p> <p>(A entrada de travesti no cinema e a ditadura militar da década de 80)</p>
<p>Plano médio - INT - Casa de Ary Bezerra</p> <p>Ary fala sobre as produções que sempre tiveram cunho sexual mas a autocensura era feita principalmente pelos donos das salas de exibição amparadas na posição exercida socialmente pela igreja.</p> <p>imagens de apoio</p>	<p>> <u>Gravação Ary 5</u> (1'13'' - 2'02''; 2'18 - 3'16'')</p> <p>>O papel da Cinemar na exibição de filmes somente para homens</p> <p>> já existia a exibição de cenas picantes nos cinemas de Fortaleza</p>
<p>Plano Médio - INT - Casa de Ary Bezerra</p> <p>Ele fala sobre sobre os dois cinemas especializados em exibição pornô - colocar sexo explícito</p>	<p>> <u>Gravação Ary 6</u> (0'03'' - 1'33)</p> <p>> as salas que exibiam filme em 35mm e era filme pornô.</p>
<p>Plano Médio - INT - FAC</p> <p>Dediane Souza, jornalista e ativista dos direitos LGBTQI+</p> <p>Imagens de apoio do espaço que hoje é a loja Top Móveis. Dos corredores estreitos de móveis</p> <p>Imagens de apoio da fachada do prédio que ainda permanece a mesma desde o Fechamento da sala</p>	<p><u>Gravação - Dediane 1</u> (0'05'' - 0'33; 1'54'' - 2'35'')</p> <p>> A presença da Travesti dentro da sala de exibição</p> <p>> A sala como espaço de apropriação e de sociabilidade</p>
<p>imagens de apoio de Travesti nas dependências do cinema</p>	
<p>Imagens de apoio das fachadas de cinemas com letreiros de filmes pornôs ou de anúncios</p>	<p>OFF (Gilmar de Carvalho e Ary Bezerra Leite)</p> <p>> A lei que depois da ditadura militar liberou a criação de salas de exibição pornográfica</p>

<p>Imagem de apoio</p> <p>Brown se montando na sala de espera do Cine Jangada</p> <p>Close nos olhos, mãos, cabelos, pés, unhas</p>	<p>> Música da Gloria Gaynor i will survive</p>
<p>Imagem de apoio</p> <p>Sala de cinema especializada em cinema pornô</p> <p>Construção das cenas pegação</p> <p>closes nos corpos, nas poltronas, das movimentações para conseguir clientes</p> <p>a movimentação dentro do cinema</p>	
<p>Plano médio - INT - Casa de Rival Vieira - Frequentador</p> <p>Rival Vieira, fala como era as movimentações dentro da sala</p> <p>imagens de apoio</p>	<p><u>Gravação Rival 2</u> (0'36'' -</p> <p>> fala um pouco das dependências do cinema e como precisava se portar dentro da sala</p>
<p>Plano Médio - Kelly Marques - Frequentadora</p>	<p>Gravação - Kelly 2 (0'54'' - 1'06'')</p> <p>> Tempos bons eram tempos de jangada</p>
<p>Close- INT - Varanda - Yuska</p> <p>Yuska - Frequentadora</p> <p>Fala dos momentos que se encontravam com suas amigas na sala de espera para fazer a “catação”</p> <p>imagens de apoio</p>	<p><u>Gravação - Yuska 1</u> (2'32'' - 3'11'')</p> <p>(como era a sala?)</p> <p>OFF (imagem da fachada)</p>
<p>todas falando sobre o lugar de encontro</p>	<p><u>Cine jangada como lugar de encontro (saudades)</u></p> <p>(Gravação - Kelly 1 - (1'05'' - 1'39''))</p> <p>(Gravação - yuska 1 - (2'14'' - 2'23))</p>

Plano Médio - INT - Casa de Thina	<p>Gravação - Thina 8 (3'25'' - 3'45''; 3'50'' - 4'20'' ; 4'27'' - 5'18''; 5'23 - 5'57'')</p> <p>> O acolhimento e o ato de se montar > o público (as fundadoras) > a Beleza na passarela > a busca pela clientela</p>
<p>Plano Aberto - EXT - Centro de Fortaleza</p> <p>Rebeca Gomes - Frequentadora</p>	<p>Gravação - Rebeca 2 (2'36'' - 3'29'')</p> <p>> quem não curtia a pegação e ia pra assistir, sentava na frente. Quem queria putaria sentava atrás.</p> <p>Gravação - Rebeca 6 (1'10 - 2'26)</p> <p>> nenhuma das vezes que frequentou fez nada</p>
Plano médio - INT - Casa da Thina	<p>Gravação - Thina 8 (7'21'' - 7'50''; 7'52'' - 8'32'')</p> <p>> as brigas por clientes > enquanto passava o filme, a violência acontecia</p>
Plano médio - INT - Centro Rebeca Gomes	<p>(Gravação - Rebeca 6 (2'26'' - 03'26''))</p> <p>> Nunca vi briga</p>
<p>Plano aberto - EXT - Casa amarela</p> <p>Brown se maquiando debaixo do alpendre. (close nos olhos, na boca, na peruca)</p>	
<p>Plano Médio - INT - Casa de Kelly Marques - Frequentadora</p> <p>sofreu bastante quando o cazuza descobriu que tinha AIDS</p>	<p>Gravação - Kelly 2 (3'48'' - 4'34'')</p> <p>Gravação - kelly 3 (2'38'' - 3'08'')</p> <p>> tinha medo de pegar a “tia”</p>
<p>close - INT - Biblioteca pública do Estado Ceará</p> <p>Imagens de apoio dos jornais da década de 80/90 que faziam menção a travestis e a perseguição policial</p>	<p>imagens de apoio dos jornais da época.</p>

Plano médio - INT - Casa da Thina Rodrigues Thina Rodrigues conversa um pouco sobre como a polícia perseguia travestis	(Como era a perseguição policial contra Travestis nas décadas de 80 e 90? existia uma ação do secretário de segurança pública do estado na época, Moroni Torgan para extermínio da população Travesti daquela época?)
Plano Médio - INT - casa de Rival Rival comenta sobre a perda de várias amigas Travestis para o HIV	(Falar de Ana Paula de Pigalle e sua participação contínua no cinema)
Plano médio - INT - Casa de Kelly Marques - Frequentadora Kelly frequentou até o fechamento da sala. Closes no seu rosto Imagens de apoio	Gravação - Kelly 6 - (3'52'' - 4'33'') > frequentei até fechar, faz tanto tempo
Plano fechado - INT - Museu do Ceará Gilmar de Carvalho faz uma análise dos jornais da época. closes nos jornais analisados	
Plano Fechado - EXT - Praia de Iracema Leitura do trecho da reportagem escrita por Sérgio Ripardo sobre o teor do cinema por Ravena Bronw	

Cena	texto falado	indicação de fala	Lettering	Descrição da cena
1				logos da UFC, do curso de jornalismo, da Casa Amarela.
2	O nome Jangada, é uma justa homenagem aos bravos jangadeiros	som das ondas do mar em BG		começa preto, depois em fade out sai o preto e entra a imagem em plano aberto de Brown, na praia. Depois em

	<p>das praias cearenses. verdadeira expressão de tenacidade, heroísmo e audácia em cujos corações nos abrigamos para sentirmos a sua vibratibilidade e não recuar frente as tormentas próprias do negócio. Como jangadeiros não recuam frente as ondas revoltantes de nosso mar bravio, nas lutas cotidianas pelo sustento de suas famílias de nós outros. Que os ventos dos bem fazeres que açoitam as velas das rústicas embarcações soprem sempre para nós. Dando-nos coragem, dando-nos entusiasmos e assim, venceremos.</p>			plano fechado, os detalhes da roupa, maquiagem, mãos, pés, saltos
3		som das ondas do mar	Fortaleza, 1986	<u>Ext - Praia de Iracema - Noite</u> Brown na praia, com seu vestido prateado, saltos brancos na mão e peruca cacheda loira na cabeça. close nas penas, no rosto, nas mãos.
3				
4				<u>Int - onibus Aerolândia - Casa - Noite</u> Caminho de volta pra casa, a descida do ônibus, a rua, e a entrada no beco da Jaime Andrade
5				Int - Casa da Brown - noite

				Se desmontar, tirar a maquiagem forte, os cílios, tira a roupa, e vai dormir.
6		Nesse processo de se auto harmonizar, começa a tocar Baby, do caetano. esse processo dura toda a música.		<u>INT - Casa da Brown - Noite</u> Monstra chega na casa, com agulhas e hormônios para aplicação, ela pede ajuda de Brown para aplicação hormonal. depois da aplicação, se dirige ao espelho, fica nua, truca a neça e aproxima os seios para formar uma protuberância.
7				<u>INT - Casa Eusélio de Oliveira - Tarde</u> a Ida para o cinema, o encontro com as amigas na sala de espera. O começo da montagem, da maquiagem, de colocar a peruca, de se vestir e ir para o interior da sala e a busca por clientes.
8		Joga pedra na geni, joga bosta na geni, ela é feita para apanhar, ela é boa de cuspir, ela dá pra qualquer um, maldita geni		<u>INT - Casa Eusélio Oliveira</u> Na busca pelos parceiros e clientes, acontece um abuso sexual, uma briga com uma das travestis que frequentava o cinema.
9				